

## EMBRIÕES DE CIDADES BRASILEIRAS

AROLD DE AZEVEDO

*Os estudos de Rubens Borba de Moraes, de âmbito regional, e de Pierre Deffontaines, referente a todo o país, continuam a ocupar uma posição de relêvo dentro do campo da Geografia Urbana brasileira, particularmente no que concerne às origens dos nossos aglomerados urbanos.*

*No trabalho que se vai lêr, o autor retoma o mesmo assunto, embora encarando-o sob um prisma algo diferente e oferecendo um número maior de exemplos. Trata-se de uma comunicação apresentada ao XVIII Congresso Internacional de Geografia, reunido na cidade do Rio de Janeiro, em agosto de 1956.*

**Os povoados e suas características.** — No Brasil, a mais elementar das formas de aglomerações humanas costuma ser designada por dois vocábulos de significação idêntica — *povoado* e *povoação*, embora outros termos existam, de caráter restrito e regional, que servem para identificar algumas de suas modalidades.

Em Portugal, de onde recebemos tais vocábulos, faz-se uma distinção bastante nítida entre ambos: *povoação* é o lugar povoado — cidade, vila, aldeia ou lugarejo, correspondendo a um núcleo de condensação do povoamento, “desde os mais pequenos agregados rurais aos maiores aglomerados citadinos” (1); ao passo que o *povoado*, em certas regiões também chamado *casal*, é a aldeia, o lugarejo ou pequena localidade em que habita gente, tal como aqui o entendemos.

Percebe-se, por conseguinte, que a palavra *povoação* tem para os portugueses um sentido muito amplo, pois abrange até mesmo as cidades, o que não se dá no Brasil, tanto na linguagem popular como na erudita.

O *povoado* ou a *povoação*, tal como entendem os brasileiros, não se confunde com nenhum dos pequenos aglomerados da Europa Ocidental, sobretudo pela fraqueza dos laços que o prendem à área rural. Difere do *hamlet* inglês como do *hameau* francês e, até mesmo, do *casal* português. O tipo que dêle mais se aproxima talvez seja o *pueblo* da América Espanhola.

(1) GIRÃO (Amorim), *Geografia de Portugal* (Pôrto, 1951), pág. 263.



FIG. 1. — UM DOVADO BRASILEIRO. — Vista de um aglomerado urbano do sertão da Bahia, nos simpózia feitos em os povoados da maior parte do Planeto Brasileiro (foto Pierre Vergier).

Não constitui tarefa muito fácil caracterizá-lo, porque são grandes as diferenças que podemos encontrar, conforme a região em que se acha ou o fator que lhe deu origem. Tais diferenças podem ser encontradas até dentro das fronteiras de um mesmo Estado: comparemos, por exemplo, em São Paulo ou no Paraná, os povoados das zonas de povoamento antigo e os das frentes pioneiras, os da região litorânea e os do Planalto; cada qual apresenta uma fisionomia própria.

Povoados foram os *arruaís* da época da mineração do ouro (séculos XVII e XVIII), como são as *corruelas* das atuais áreas diamantíferas do Brasil Central. Na Bahia e no Nordeste, os povoados são muitas vezes designados pelos nomes de *comércio* e de *rua*, de maneira a accentuar a diferença existente entre eles e as habitações isoladas da zona rural. Em São Paulo, o *bairro* rural contém quase sempre um povoado.

Apesar disso, não se pode deixar de reconhecer a existência de uma série de *traços comuns* que ressaltam aos olhos do observador e que correspondem, se não à totalidade, pelo menos à maioria de nossos povoados. É o que vamos tentar demonstrar.

As habitações que os constituem (sempre em pequeno número — umas poucas dezenas) são bastante modestas, sendo representadas por palhoças, casas de tábuas, casas de barrote ou de tijolos, caiadas ou não. Também reduzida é sua população, em geral de algumas dezenas de habitantes. Comum é o caso da existência de uma só rua, prolongamento do caminho ou paralela à margem de um rio, embora possam existir duas, três ou mais e até mesmo um largo rudimentar, onde se ergue a Capela ou pequena Igreja. Mal definida é a sua função, se bem seja frequente a predominância da função comercial, modestamente representada pela presença de umas poucas casas de comércio — a "venda", a loja de armarinhos e artigos domésticos, mais raramente a farmácia. A seu lado, porém, costuma aparecer com importância a função religiosa, que é representada pela Capela ou Igreja e manifesta-se aos domingos e em dias de festas religiosas, congregando a população rural circunvizinha.

A vida de um povoado caracteriza-se por ser tranquila e modesta, desenrolando-se obscuramente, sem nervosismo nem acontecimentos dramáticos, no anonimato imposto pela vastidão territorial e pelas dificuldades de comunicações, tal como a vida dos humildes mergulhados na massa do povo. Mas há momentos em que o povoado se transforma, enchendo-se de animação: são os dias de feira, os dias de eleições ou aquêles em que se realizam festividades religiosas.



FIG. 2 — UM TOVOADO DA AMAZONIA. — As características dos povoados podem variar de acordo com o meio físico e os fatores culturais. A fotografia, focaliza a Vila de Japim, sede distrital do município de Cruzeiro do Sul, Acre (Foto Jablonsky, C. N. 67).

Entretanto, povoados existem que não se caracterizam por essa pacareza, constituem casos de exceção — como as *corrutelas* das áreas de garimpagem, movimentadas e turbulentas.

São assim os *povoados* brasileiros, cujo destino é transformar-se em *vilas* e, um dia, alcançar o que significa a suprema aspiração de seus habitantes — a categoria de *cidades*, sedes municipais. Salvo os casos raros das vilas e cidades que já nasceram como tais, são eles os verdadeiros *embriões* dos centros urbanos brasileiros. Foi assim no passado, continua a ser em nossos dias.

**Tipos de povoados, no passado e no presente.** — Para a perfeita compreensão dos fatos da Geografia Urbana brasileira torna-se imprescindível estudar êsses embriões de cidades, porque a grande maioria de nossos centros urbanos reflete essa etapa inicial de sua evolução nas origens, no primitivo sítio ou até mesmo na estrutura e na fisionomia atuais. O tema é fascinante, embora complexo, pois o geógrafo não pode limitar-se aos exemplos presentes, sendo obrigado a remontar ao passado, numa tentativa do que pode ser denominado de Geografia Urbana retrospectiva. Há que tipos de povoados existem que somente são encontrados no passado; outros tiveram extraordinária importância no Brasil colonial e, embora continuem a existir, pertencem mais ao passado que ao presente; outros, enfim, correspondem a um passado muito próximo ou continuam a representar papel de destaque como embriões de cidades. Daí o apêlo às fontes históricas (infelizmente muito dispersas ou minguadas no que se refere ao assunto) e aos estudos etnográficos, que nem sempre satisfazem a curiosidade do geógrafo.

O tema foi bem estudado, se bem que sob um prisma diferente do que aqui vamos adotar, principalmente em dois ensaios básicos: *Contribuição para a história do povoamento em São Paulo até fins do século XVIII* (em "Geografia", I, n.º 1, São Paulo, 1935), de RUBENS BORBA DE MORAIS; e *The origin and growth of the Brazilian network of towns* (em "Geographical Review", vol. XXVIII, New-York, 1938), de PIERRE DEFFONTAINES.

Numa tentativa de classificar os diferentes tipos de povoados, procuraremos nos libertar do critério estritamente histórico, distinguindo-os em função dos fatores que lhes deram origem, independentemente da época em que os mesmos atuaram. Eis os principais tipos de embriões de cidades que podem ser encontrados no Brasil. 1. os lugares fortificados e os postos militares; 2. as aldeias e os aldeamentos de índios; 3. os arraiais e as corrutelas; 4. engenhos e usmas, fazendas e bairros rurais; 5. os patrimônios e os núcleos coloniais; 6. os pousos de viajantes e as estações ferroviárias.

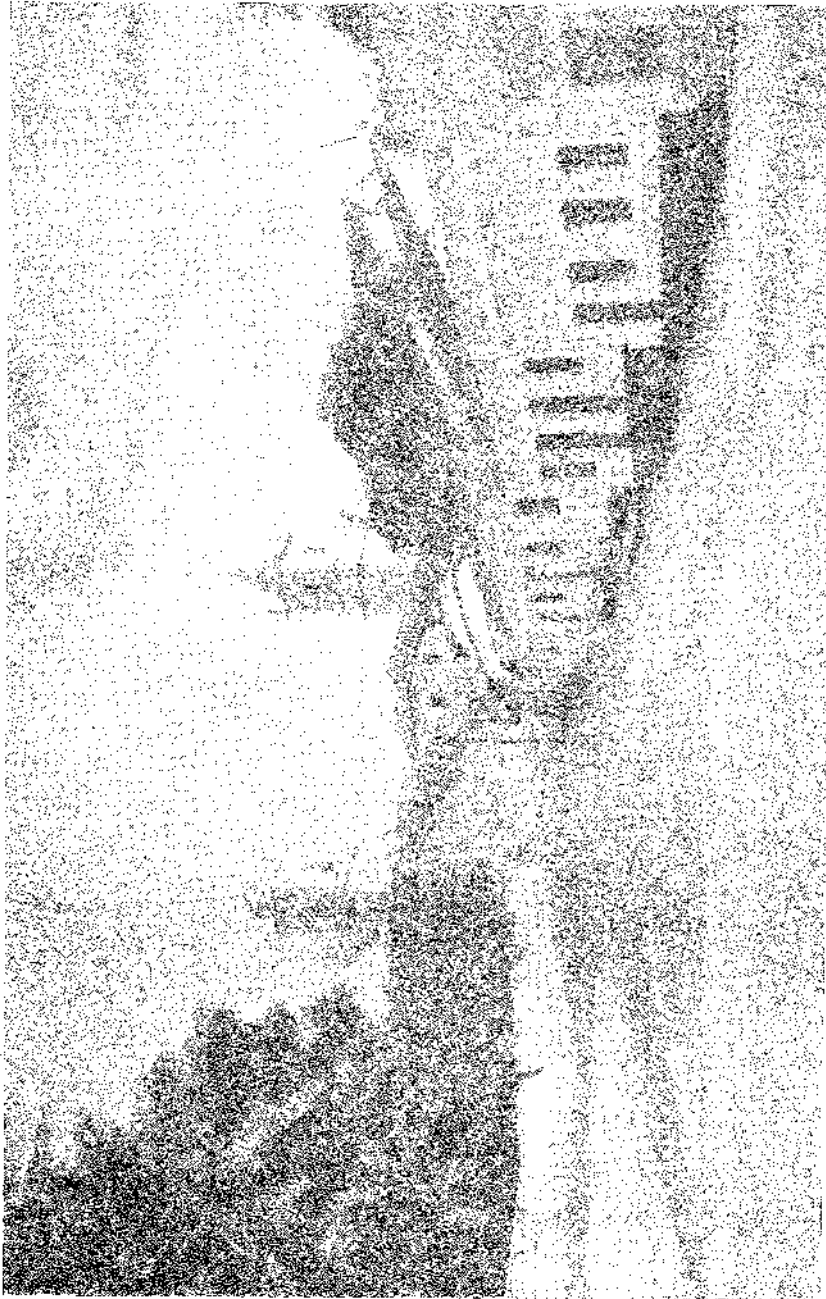


FIG. 3 — IGARASSÚ, ANTIGA FEITORIA DO SÉCULO XVI. Entre os poucos exemplares de feitorias criadas na primeira metade do quinhentismo e que sobreviveram encontra-se essa verdadeira relíquia que é Igarassú, em Pernambuco, elevada à categoria de Vila em 1536, hoje sede municipal. (Foto Faldut, C. N. G.).

**Lugares fortificados e postos militares.** — De início, vamos focalizar tipos de povoados que correspondem exclusivamente ao passado, espelhando muito bem a fase em que os portugueses preocupavam-se em assegurar a defesa e a posse de seus vastos domínios na América.

De fato, logo após a descoberta do Brasil, sentiu Portugal os perigos que ameaçavam seus domínios americanos, com uma fachada atlântica de mais de 5 000 km de extensão e com inimigos sempre prontos a investir contra eles. Em seguida, com o desbravamento do interior e o consequente recuo do meridiano de Tordezilhas, viu a metrópole lusa que tinha diante de si um grande Império, um verdadeiro "continente" a preservar.

Os inimigos existiam na própria terra, representados pelos *índios* — Tupi, na costa, e Jê, no Planalto; mas sobretudo vinham da Europa, em consequência das lutas nascidas ao tempo da Reforma e das rivalidades político-econômicas. Daí a presença de corsários *ingêleses* nas costas brasileiras, saqueando os povoados e as vilas, no século XVI; daí as sucessivas investidas dos *francêses*, quer através dos "entrelpos" ou contrabandistas de pau-brasil, quer das tentativas frustradas de criação da "França Antártica" na baía de Guanabara (século XVI) e da "França Equinocial" no Maranhão (século XVII), quer das invasões levadas a efeito no Rio de Janeiro (século XVIII); daí as sucessivas e prolongadas invasões dos *holandêses* na Bahia, em Pernambuco, no Maranhão e no Baixo Amazonas (século XVII); daí as intermináveis lutas e as rivalidades com os *espanhóis*, quer na região do Rio da Prata, quer nas fronteiras fixadas no decorrer do século XVIII.

A defesa e a posse da vasta fachada atlântica foram asseguradas, de início, pelo estabelecimento de *feitorias* (1501-30), simples pontos de escala das expedições enviadas pelo governo português, verdadeiras "cabeças de ponte" plantadas em terras brasileiras nos anos incertos que se seguiram à descoberta. Foram, sem dúvida, os primeiros povoados surgidos no país, os mais remotos embriões das nossas cidades. Significavam um sinal de posse, serviam de base para o policiamento da costa infestada de contrabandistas, ao mesmo tempo que representavam o papel de entrepostos para o incipiente tráfico com o pau-brasil e o local de aguada para os náus que demandavam as Índias.

Consistiam num simples galpão cercado de estacadas, isto é, uma espécie de "casa-forte" defendida por uma paliçada ou "caçara", à moda indígena, onde se abrigavam soldados e civis, sob as ordens de um "capitão de vigia". Apresentavam um evidente caráter mi-

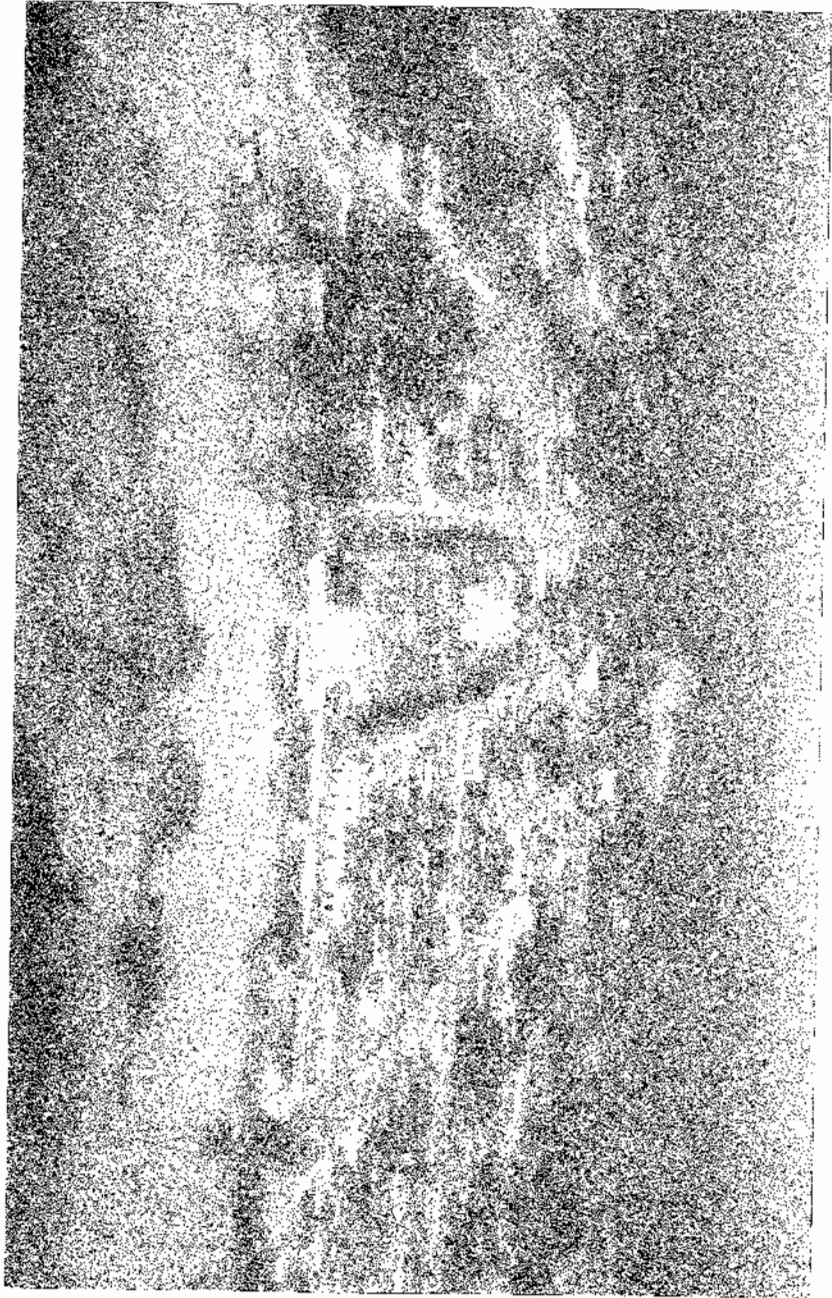


Fig. 4 - CACERRES, ANTIGA SENTINELA AVANÇADA DA AMÉRICA PORTUGUESA. A imagem esboçada do rio Paranaíba, não longe da atual fronteira com a Bolívia, em território de Mato Grosso, foi fundada em posto militar em 1778, sob o nome de Vila Nova de Itapococa, destinado à defesa das índias ocidentais da América Portuguesa. É a atual cidade de Cáceres, antiga São João de Cáceres (Foto Fialho, C. N. G.).



litar, eram bastante precárias, tinham modesta função econômica e não deitavam raízes profundas nos locais em que se erguiam.

Por isso mesmo, poucas feitorias vieram a tornar-se vilas e raras chegaram à categoria de cidades: *Igarassú* (PE), *Santa Cruz Cabralia* (BA) e *Cabo Frio* (RJ) constituem os melhores exemplos.

Iniciada a fase colonizadora e à proporção que se multiplicavam as vilas e as cidades na fachada atlântica (2), Portugal procurou criar uma verdadeira *rêde de fortificações*, responsável pela sobrevivência de muitos centros mineiros, desde o Rio Grande do Sul até o Maranhão, e pela origem de algumas cidades, como *Rio Grande* (RS), *João Pessoa* (PB), *Natal* (RN) e *Fortaleza* (CE).

Essa política de defesa estendeu-se sem demora à Amazônia, onde a cidade de *Belém* (PA) foi fundada à sombra do Forte do Presépio (1516) e, em cujo interior, mais tarde, multiplicaram-se os lugares fortificados e as colônias militares, situadas às margens do grande rio e de alguns de seus maiores afluentes, bastando lembrar os exemplos de *Santarém* (PA), *Obidos* (PA) e *Manáus* (AM).

Mas a América Portuguesa teve, ainda, verdadeiras sentinelas avançadas, representadas por povoados ou vilas fortificados, quer em áreas de fronteiras "esboçadas" (*Tabatinga*, AM, e *Mato Grosso*, MT), quer em áreas de fronteiras "vivas" ou de "tensão", como *Corumbá* (MT), *Cáceres* (MT), *Miranda* (MT) e *Santa Maria*, o antigo Acampamento de Santa Maria (RS).

**Aideias e aldeamentos de índios.** — No Brasil, o uso consagrou uma distinção: a palavra *aldeia* só costuma ser empregada para designar o aglomerado de habitações construídas pelos índios, com os recursos de sua própria técnica e sem a interferência de elementos da cultura dita civilizada; ao passo que a palavra *aldeamento* serve para designar o aglomerado resultante da aculturação e organizado sob as vistas e sob a influência dos Missionários catequistas ou dos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios. Tal distinção é importante porque, em princípio, as *aldeias* de índios não podem ser consideradas embriões de cidades, bem ao contrário do que acontece com os *aldeamentos*.

todavia, justifica-se nessa referência às *aldeias* de índios porque muitos elementos originais, característicos desses aglomerados indígenas, vêm-se conservados nos aldeamentos. A preocupação de defesa leva-os a construir suas habitações em trechos elevados

(2) Veja AZEVEDO (Arnaldo de), *Vilas e Cidades do Brasil Colonial* -- Ensaio de geografia urbana retrospectiva (São Paulo, 1956).

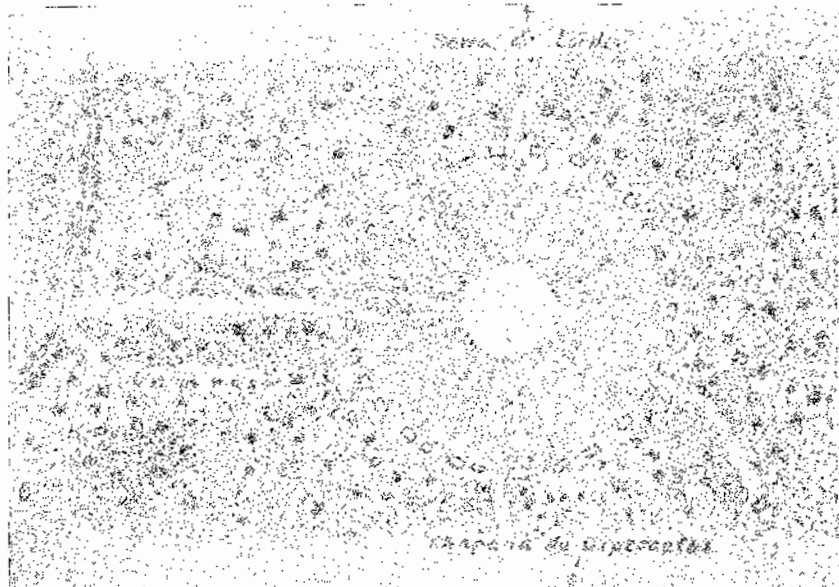
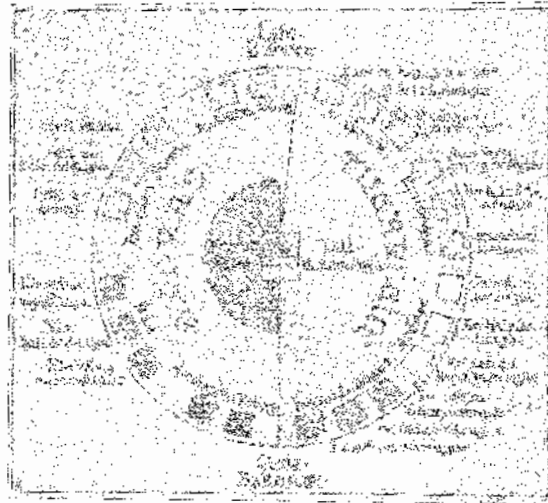


FIG. 5 e 6 — ALDEIAS DE INDIOS. - No alto, esquema de uma aldeia dos Ourimogodogue ou Bororo Orientais, com suas divisões em clãs, situada em Mato Grosso (cf. COBACCHINI e ALBERTI). Em baixo, uma aldeia dos Canela, no Maranhão (cf. PRÓFS ABREU). O plano circular de ambas (que parece ser o dominante entre os índios brasileiros) mostra muito bem que tais aldeias não podem ser consideradas como embriões de cidades.

do terreno, não muito longe de um curso d'água. Muitas vezes, o "habitat" é sensivelmente disperso, espalhando-se as moradias pelas clareiras da mata, como acontece, por exemplo, entre os Guarani e entre os Guaicuru do Nambileque. Mas a regra geral é a existência de um conjunto orgânico, que obedece a um plano determinado: o plano retangular predominava entre os Tupi do quinhentismo, embora o plano circular seja o preferido pelos grupos hoje existentes, pois encontramos-lo entre os índios da Amazônia, os Bororo matogrossenses, os Xavante do rio das Mortes, os Guajajara e os Canela do Maranhão. Entre os Tupi, as aldeias eram cercadas por paliçadas — as "caçaras", o que lhes dava um aspecto de recinto fortificado; o sistema, hoje em desuso, foi imediatamente adotado pelos portugueses, tanto nas feitorias como nas próprias vilas do século XVI.

Os *aldeamentos de índios* — aglomerados "criados", ao contrário dos aglomerados "espontâneos" que são as aldeias — resultam de verdadeira obra de urbanização, cujo início se deve aos Missionários, no próprio século da descoberta do Brasil ou, mais precisamente, a partir de 1550.

O lugar ocupado pelos *Jesuítas*, nêsse particular, pode ser classificado como excepcionalmente importante, pois durante dois séculos semearam um número incontável de aldeamentos por todo o atual território brasileiro. A seu lado, a partir do século XVII, outros Missionários contribuíram para essa obra urbanizadora: os *Franciscanos* de Santo Antônio, os *Carmelitas*, os *Mercedários*, os *Capuchinhos*, etc.

De fins do século XVIII até meados do século XIX registrou-se um período de estagnação, quando não de decadência nessa ação missionária. Os aldeamentos foram abandonados e entregues ao seu próprio destino: suas igrejas ficaram em ruínas; sua população passou a viver uma existência mais ou menos parasitária.

Desde meados do século XIX, um sangue novo foi injetado, graças ao renascimento da política missionária. Retornaram ao Brasil os *Capuchinhos* (1842), que escolheram como área de ação o atual Estado do Rio de Janeiro e os confins orientais de Minas Gerais. Vieram os *Dominicanos*, que se foram estabelecer na bacia do Tocantins-Araguaia na última década do século passado. Chegaram os *Salesianos*, que se dirigiram para as selvas da Amazônia e para o centro-leste de Mato Grosso, já no século XX. Reence-taram suas atividades missionárias os *Franciscanos*.

Por outro lado, a partir de 1910, entrou em atividade o *Serviço de Proteção aos Índios* (S.P.I.), repartição federal subordinada ao Ministério da Agricultura, uma das muitas criações do ma-

rechal Cândido Rondon. Destinando-se a princípio a pôr fim às lutas entre índios e civilizados, o S.P.I. acabou por criar uma centena de *Postos Indígenas*, que se espalham por 14 Estados e por 3 dos Territórios federais.

O resultado dessas duas forças conjugadas — os Missionários e o S.P.I. — fez-se sentir de maneira profunda e contínua presente na tarefa de criar embriões de cidades.

Na Amazônia, a maioria dos aglomerados urbanos deve suas origens a aldeamentos de índios, chegando a existir ali 63 Missões que congregavam cêrca de 60 000 indígenas, em meados do século XVIII. Nos derradeiros anos do século passado, o fenômeno repetiu-se com a fundação, pelos Dominicanos, do aldeamento que hoje é *Conceição do Araguaia* (PA). Atualmente, além das Missões religiosas, existem 25 Postos Indígenas mantidos pelo S.P.I..

No Pará, originaram-se de aldeamentos de índios: *Almeirim* (Pará), *Bragança* (Caeté), *Faro* (Jamundá), *Gurupá* (Mariocáí), *Monte Alegre* (Gurupatuba), *Viseu*, etc. E no Amazonas: *Barcelos* (Mariná), *Itacoatiara* (Abacaxis), *Moura* (Itarendava), *São Paulo de Olivença*, etc.

No Nordeste, a atividade missionária dos Jesuítas foi intensa nos séculos XVII e XVIII, de maneira particular no Maranhão e no Ceará. Já do século XIX é o aldeamento criado pelos Capuchinhos no sertão maranhense, de que resultou a atual *Barra do Cerda* (MA). O S.P.I. mantém ali 10 Postos Indígenas.

Remontam aos tempos coloniais os aldeamentos de que se originaram inúmeras vilas e cidades de hoje: no Maranhão — *Caxias* (Aldeias Altas), *Monção* (Carará), *Ribamar* (São José), *Tutoia* (Nossa Senhora da Conceição) e *Viana* (Maracú); no Ceará — *Aquirás*, *Arronches*, *Baturité* (Paiacús), *Crato* (Miranda), *Missão Velha* (Cariris Novos), *Messejana* (Paupina), *São Gonçalo do Amarante*, *Viçosa do Ceará* (Viçosa), etc.; no Rio Grande do Norte — *São José de Mipibú* (São José do Rio Grande); na Paraíba — *Alhondra* (Uratuauá), *Campina Grande* (Paupina), *Mamanguape* (Treguiça), *Vila do Conde* (Jacoca), etc.; em Alagoás — *Palmeira dos Índios*.

Na Região Leste, no decorrer do período colonial, principalmente três ordens religiosas se destacaram como criadoras de embriões de cidades — a dos Jesuítas, a dos Carmelitas e a dos Capuchinhos, a elas se devendo, em grande parte, a fixação do povoamento em toda a fachada atlântica, de Sergipe ao Rio de Janeiro, como também, no sertão da Bahia. No século passado, alguns aldeamentos de índios foram fundados, transformando-se em cidades de hoje, convindo ressaltar o caso de *Itambacuri* (MG), fundada

nas matas do vale do rio Dóce pelos Capuchinhos no ano de 1873, atualmente sede de um município de cerca de 60000 habitantes. O S.P.U. mantém, nessa região brasileira, 6 Postos Indígenas.

Oriondas de aldeamentos de índios são, entre outras, as seguintes cidades e vilas: na Bahia — *Abrantes* (Espírito Santo de Nova Abrantes), *Cairú* (Nossa Senhora do Rosário), *Camamu* (Nossa Senhora da Assunção), *Coratuba* (Francoso), *Caribuanha*, *Caravelas*, *Conde*, *Itacaré* (Barra do Rio de Contas), *Itapicurú* (Itapicurú de Cima), *Jacobina* (Bom Jesus), *Jaguaripe*, *Jeremoabo*, *Juazeiro* (Nossa Senhora das Brotas), *Muroá*, *Nilo Peçanha* (Boipeba), *Olivença*, *Prado*; no Espírito Santo — *Anchieta* (Reritiba), *Guarapari*, *Nova Almeida*; no Rio de Janeiro — *Itaguaí*, *Itaocara*, *Macaé*, *Mangaratiba*, *Marquês de Valença* (Nossa Senhora da Glória), *Niterói* (São Lourenço), *Santo Antônio de Pádua*, *São Fidélis* (São Fidélis de Sigamunda), *São Pedro da Aldeia*, etc.; e em Minas Gerais — *Guidocol* e *Itambacuri*.

Na Região Sul, durante o período colonial, notabilíssima foi a obra urbanizadora realizada pelos Jesuítas, sobretudo a representada pelas *reduções* da bacia do Uruguai e do vale médio do rio Paraná, pertencentes ao chamado "Estado Jesuítico" ou "República Jesuítica dos Índios", só ultrapassadas em importância pelas do Paraguai. Em terras do atual Paraná, em 1620, cerca de 100 000 índios encerravam-se aldeados na região do Guairá, onde existiam *Cidade Real*, *Vila Rica*, *Loreto* e *São Ignacio*, poucos anos mais tarde destruídas pelos Bandeirantes paulistas predadores de índios. Ao mesmo tempo, 16 outras "reduções" foram fundadas no atual Rio Grande do Sul, dela resultando os *Sete Povos das Missões*, que acabaram por integrar-se em nosso território no alvorecer do século XIX e que chegaram a ter 2 000 e 3 000 habitantes, cada um. *São Miguel*, *São João Batista*, *São Lourenço*, *Santo Ângelo*, *São Luís*, *São Nicolau* e *São Francisco de Borja*.

Oriondas de antigos aldeamentos de índios são as seguintes cidades e vilas, entre outras: *Boruerá*, *Cananéia* (São João Batista), *Carapicuíba*, *Embú* (M'Boy), *Escada*, *Guarulhos* (Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos), *Itapicirico da Serra*, *Itaquaquecetuba*, *Quetés* (São João Batista), *Santana de Parnaíba*, etc., todas em São Paulo, além da própria cidade de *São Paulo* (uma vez que ao nascer não possuía mais do que o paupérrimo rancho do Colégio, à sombra do qual viviam os índios aliados) e algumas de suas parcerias — *São Miguel Paulista* e *Pinheiros*; no Paraná — *Ararapira*, *Guarapuava*, *Morretes*; e no Rio Grande do Sul — *Santo Ângelo*, *São Borja* (São Francisco de Borja), *São Luís Gonzaga*, *São Miguel das Missões*, *São Nicolau*, etc.

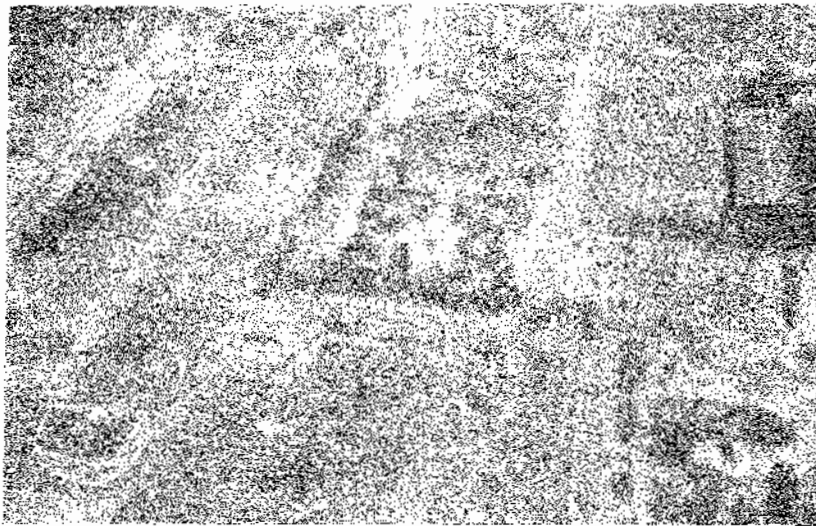


FIG. 7 e 8 — A MINERAÇÃO DO OURO É UM DE SEUS FRUTOS. — Junto aos cursos d'água de aluviões auríferas, os bandeirantes dos séculos XVII e XVIII criaram seus arraiais, embriões de cidades (Desenho de SERA, "O Brasil pela Imagem"). A atual capital de Mato Grosso — *Cuiabá* (que aparece na fotografia) nasceu de um arraial formado por volta de 1719 e transformou-se na Vila Real de Senhor Bom Jesus do Cuiabá em 1727. (Foto Faldut, C. N. G.).

No século atual, o S.P.I. conseguiu pacificar e aldear os Caingang (SP, PR) e os Botocudo (S), mantendo ainda hoje 21 Postos Indígenas, um dos quais — o *Toldo de Lontras*, de índios Caingang e situado no município de Palmas (PR), é um povoado de casas de madeira, agrupadas em torno de uma praça retangular, onde se ergue a Igreja.

Na Região Centro-Oeste, os primeiros aldeamentos de índios foram instalados no século XVIII em terras de Goiás, por iniciativa das próprias autoridades, a fim de permitir que os mineradores do ouro pudessem trabalhar mais tranquilamente. Somente em fins do século passado foi reiniciada essa obra urbanizadora, graças aos Dominicanos, aos Salesianos e ao S.P.I.

Em Goiás, pelo menos dois antigos aldeamentos de índios são hoje sedes municipais: *Dianópolis* (São José do Duro) e *Pedro Afonso*. Aos Salesianos devem-se, entre outros, os aldeamentos do *Sangradouro* e do *Meruri*, na área bordô. Por outro lado, o S. P. I. instalou ali 31 Postos Indígenas, dois dos quais constituem hoje pequenos centros urbanos — *Anônio Estigarribia* (vale do rio Manuel Alves) e *Getúlio Vargas* (ilha do Bananal), ambos em Goiás, os primeiros aldeamentos do S.P.I. a atingirem a condição de povoados, etapa inicial da evolução urbana.

**Arraiais e corrutelas.** — No Brasil, a palavra *arraial* vem sendo cada vez menos empregada, tanto pelo homem da cidade como pelo das áreas rurais, quando se a utiliza, serve para designar o lugarejo, a aldeola, o pequeno povoado. Em Portugal, corresponde a um local de romarias, onde muita gente se aglomera de maneira festiva e onde se erguem barracas de conestíveis e bebidas, toca-se música, soltam-se foguetes, embora primitivamente designasse um exército em campanha, o sítio de acampamento de tropas e, por extensão, o local em que estacionava qualquer corpo volante ou pessoas em trânsito (3).

Para o presente estudo, é exatamente este primitivo sentido que interessa, porque foi dentro dele que a palavra *arraial* apareceu com mais frequência no Brasil colonial, particularmente nos séculos XVII e XVIII. Frei VICENTE DO SALVADOR empregou-a com o significado puramente militar e, como tal, tornou-se famoso o Arraial do Bom Jesus, na guerra contra o invasor flamengo, em Pernambuco. Todavia, deve-se ao Bauderismo minerador a extraordinária difusão do vocábulo, tomado num sentido menos rígido e significando o acampamento de uma tropa volante, uma aglomeração de gente em caráter mais ou menos provisório; é que — como

(3) Cf. os *Dicionários de DOMINGOS VIEIRA, CALDAS AULETE, CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, LAURELINO FREIRE*, etc.



FIG. 9 e 10 - ANTIGOS ARRATAIS DO BANDEIRISMO. — No alto, *Corumbá da Goiás* (GO). Formada a cavaleiro da área de mineração (Foto Semlo, C. N. G.). Em baixo, a rua principal de *Diamantina* (MT), antigo Alto Pa. aqual Diamantina (Foto Faludi, C. N. G.).



Bem observou SAINT-HILAIRE (4) — “os primeiros mineradores não faziam mais do que acampar”. No dia em que se fizer um mapa do Brasil com a localização de todos os aglomerados que receberam o designativo de *arraiais*, teremos ante os olhos um mapa da expansão do Bandeirismo minerador.

Remontam aos fins do século XVI os primeiros *arraiais* com o caráter de núcleos de povoamento, quando as Instruções Régias autorizaram os chefes das “entradas” para o sertão a fundá-los a uma distância mínima de 50 léguas uns dos outros e destinados a garantir a segurança dos caminhos; desse tempo seria o arraial, hoje vila de *João Amaro*, no planalto da Bahia.

Coube, porém, aos Bandeirantes paulistas a tarefa de disseminar êsses embriões de cidades, sem outras restrições que não fosse a vontade de seus chefes. Da segunda metade do século XVII são os arraiais fundados por Fernão Dias em terras de Minas Gerais: *São Pedro do Paraopeba*, *Sumidouro* e *Ibituruna*.

Foi a partir da última década do seiscentismo que se verificou a impressionante multiplicação dos arraiais, surgidos às dezenas, próximos ou afastados uns dos outros, em terras do Planalto Atlântico como do Planalto Central, guardando muitos dêles em seus nomes a lembrança dos paulistas que os fundaram. Inúmeros dêsses arraiais desapareceram tão logo esgotou-se o ouro que lhes havia dado origem e vida intensa; e isto aconteceu principalmente na fase do chamado “ouro de lavagem”, retirado do cascalho e das arcias dos cursos d'água. Entretanto, quando se iniciou o Bandeirismo sedentário e minerador, através da exploração dos filões auríferos, cessou o caráter precário de tais povoados, daí resultando um número elevado daqueles que se transformaram em vilas e hoje são cidades.

Em Minas Gerais, originaram-se de antigos arraiais, entre outras as seguintes cidades e vilas: *Barão de Cocais* (São João do Morro Grande), *Barbacena* (Igreja Nova), *Berilo* (Água Suja), *Brasília* (Santana de Contendas), *Campanha* (Santo Antônio das Minas do Rio Verde), *Caeté* (Caeté do Mato Dentro), *Chapada* (Santa Cruz da Chapada), *Conceição do Mato Dentro*, *Conselheiro Lafaiete* (Vila Real de Queluz), *Diamantina* (Santo Antônio do Tijuco), *Itapecerica* (São Bento do Tamanduá), *Mariana* (Ribeirão do Carmo), *Milho Verde*, *Minas Novas* (Minas do Fanado), *Ouro Branco*, *Ouro Preto* (Ouro Preto e Antônio Dias), *Paracatú* (Paracatú do Príncipe), *Pitangui* (Vila Nova do Infante), *Sabará* (Congonhas de Sabará), *São João del Rei* (Rio das Mortes), *Sêrro* (Vila do Príncipe), *Tiradentes* (Ponta do Morro, São José del Rei).

(4) SAINT-HILAIRE (Auguste de), *Voyage dans les Provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine* (Paris, 1851), vol. II, pág. 243.

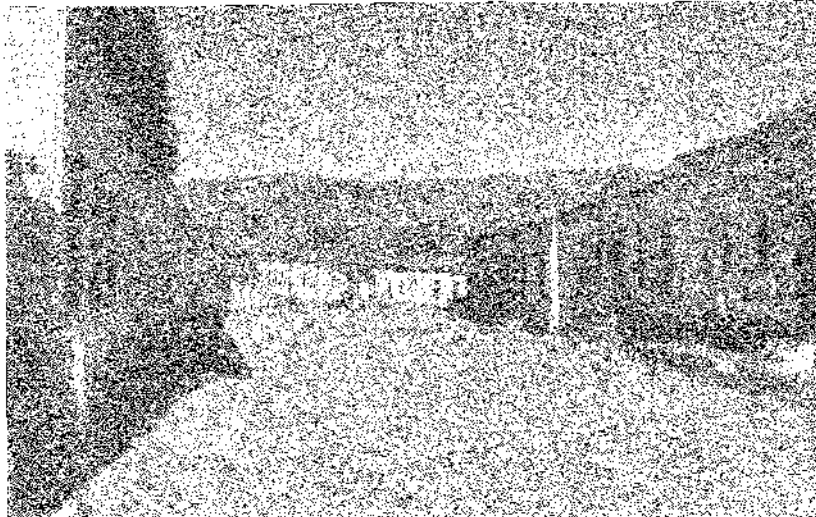


FIG. 11 e 12 - O QUE RESTA DE UMA FASE GLORIOSA. - De antigos arraiais do Bandeirismo setecentista são também os exemplos acima: *Natividade*, em Goiás (Foto Simão, C. N. G.), e *Poconé*, antigo *Benipocaná* e *São Pedro do Rei*, em Mato Grosso (Foto Faludi, C. N. G.).

Mas os exemplos podem ser encontrados noutras regiões: na Bahia — *Vitória da Conquista* (Conquista); em São Paulo — *Apiaí* (Santo Antônio das Minas); no Paraná — *Antonina* (Pilar), *Curitiba* (Nossa Senhora da Luz dos Pinhais) e *Paranaguá*; em Goiás — *Corumbá de Goiás* (Corumbá), *Goiás* (Saulana, Vila Boa), *Jaraguá*, *Luziânia* (Santa Luzia), *Natividade* (Natividade da Mãe de Deus), *Pirenópolis* (Meia Ponte), *Pires do Rio* (Santa Cruz), *Pôrto Nacional* (Pôrto Real), *Rio Verde* (Abóboras), *Silvânia* (Bonfim), etc.; e em Mato Grosso — *Cuiabá* (Vila Real do Senhor Bom Jesus), *Diamantino* (Alto Paraguai Diamantino), *Nossa Senhora do Livramento* (São José dos Cocais), *Poconé* (Benipoconé, São Pedro del Rei), *Rosário Oeste* (Rosário), etc.

Pelos exemplos citados percebe-se que tanto o ouro como o diamante foram os responsáveis por essa admirável floração de núcleos urbanos. Nenhuma outra atividade econômica teve, em nosso país, maior influência na criação e no desenvolvimento das cidades do interior, porque "a civilização mineira se apresentou essencialmente sob a forma de uma civilização urbana" (5).

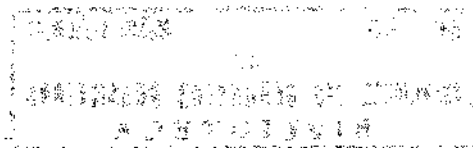
Ora, o papel representado pelos arraiais do Bandeirismo setecentista e as características de sua estrutura e de sua vida urbana ressurgem hoje nas chamadas *corrutelas* das áreas diamantíferas do Brasil Central. Quem deseja compreender, com exatidão e realismo, aqueles embriões de cidades dos séculos XVII e XVIII, vivendo sua vida agitada e sentindo seus problemas, não precisa fazer mais do que percorrer os garimpos do alto Araguaia, do rio das Garças ou do alto São Lourenço. O espetáculo é um só.

Foi na década inicial do século XX que se descobriram os primeiros depósitos diamantíferos do rio das Garças (MT). Entretanto, coube à década de 1920-30 assistir ao verdadeiro "rush" em busca de diamantes, não só naquela região, como noutros pontos do território matogrossense e goiano. Nasceram, então, as primeiras *corrutelas*: de início, uma simples palhoça, a servir de abrigo ao garimpeiro audacioso, que a construía bem próximo do curso d'água em exploração; depois — tal como acontecera com os arraiais setecentistas — outras palhoças ou, mesmo, casas de barrote, dando nascimento à primeiras ruas, tortuosas e de largura desigual, e com elas aos primeiros quarteirões, desordenados e sem uniformidade. Seu nome parece indicar o local de corrupção de costumes, uma vez que para ali convergem aventureiros da pior espécie, gente cheia de vícios e de pecados.

(5) DUFFONTAINE (Pierre), *Como se constituiu no Brasil a rede das cidades* (em "Boletim Geográfico", n.º 14, Rio de Janeiro, 1944), pág. 145.



Fig. 13 e 14 — ANTIGAS CORRUTELAS, HOJE "CAPITAIS" DOS GARIMPOS. — No alto, uma vista atual da antiga Lajeada, hoje Garatinga, na região do rio das Garças, Mato Grosso (Foto Faludi, C. N. G.). Em baixo, o atormentado sítio urbano de Poço Preto, às margens do Poço Preto, também em Mato Grosso (Foto Faludi, C. N. G.).



Uma das principais características da *corrutela* consiste na heterogeneidade e na mobilidade de sua população, flutuante e sempre renovada — sertanejos da Bahia, índios mansos, gente das mais variadas procedências, cujos antecedentes são incertos ou criminosos. Fora do trabalho pesado da garimpagem, frequentam habitualmente os numerosos *bolichos* do lugarejo, pequenas "vendas" ou botecos em que a aguardente é rainha; e à noite não deixam de comparecer ao *fecha-nunca*, miserável local de diversão, verdadeira mas grotesca caricatura dos cabarés das grandes cidades, onde se reúnem as prostitutas caboclas e os tiroteios são acontecimentos mais ou menos banais.

Cada uma das áreas de garimpagem possui uma espécie de "capital" regional, ao redor da qual se localizam numerosas *corrutelas* menores, como se fossem seus satélites.

No alto Araguaia, destacam-se em terras de Goiás três exemplos significativos de antigas "corrutelas" que são hoje sedes municipais: *Aragarças*, *Bahia* e *Santa Rita do Araguaia*, surgidas há menos de 30 anos. Em Mato Grosso, na região do rio das Garças, *Guiratinga* (antiga Lajeado) chegou a ser considerada a "capital" dessa importante área diamantífera, tendo numerosas "corrutelas" satélites, uma das quais — a do *Tesouro* é hoje também sede municipal; e no alto rio São Lourenço, *Poxoreu*, surgida em 1924 às margens do rio Poguba, foi a rival da então Lajeado e atualmente é centro de importante município.

Como se vê, até na rapidez do crescimento as *corrutelas* assemelham-se aos *arraiais* do Bandeirismo. Apenas três décadas foram suficientes para transformá-las de simples aglomerados de aventureiros em cidades, no sentido político-administrativo do termo. Neste caso, como no que se refere aos aldeamentos de índios, a História se repete de maneira perícita; o presente reproduz exatamente o passado.

**Engenhos e usinas, fazendas e bairros rurais.** — Na evolução brasileira, ocupam lugar de destaque os ciclos econômicos que tiveram por base a riqueza agro-pastoril: nos tempos coloniais, a *cana de açúcar* e a *criação de gado* asseguraram a sobrevivência do país por cerca de dois séculos; nos derradeiros cem anos, o café tem sido o "produto-rei" da nossa economia. Nada mais natural, portanto, que tais riquezas surjam como responsáveis pelo aparecimento de núcleos de povoamento, embriões de cidades. Entretanto, sua ação urbanizadora não se apresenta com intensidade uniforme, nem com o caráter extensivo registrado pelos dois fatores que acabamos de focalizar — aldeamentos de índios e locais de mineração.

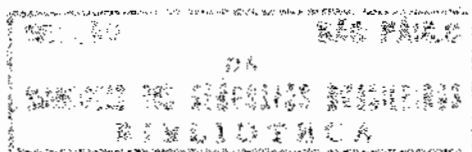




FIG. 13 - - O "TRIANGULO" DO AÇÚCAR. — O magnífico desenho de M. Bandeira mostra muito bem os três elementos fundamentais: a casa-grande, a Capela e o engenho de açúcar (Cf. Gilmaro Freyre, "Nordeste").

Reprodução do original do Arquivo Histórico Ultramarino da Universidade de Coimbra, Portugal.

Nos áreas canavieiras do Nordeste Oriental, de longa data densamente povoadas e ocupando lugar de destaque na economia regional, a obra urbanizadora não foi tão importante como poder-se-ia esperar, sendo poucos os exemplos de cidades nascidas à sombra dos *engenhos* de açúcar do passado, como das *usinas* de nossos dias.

Em Alagoás, tiveram por origem antigos engenhos a capital do Estado — *Maceió* (vila em 1813, cidade em 1839), além de *Rio Largo* (Santa Luzia do Norte) e *São Luís do Quitunde*; em Pernambuco, *Calende* nasceu em torno da usina de seu nome. São exemplos sem dúvida expressivos, mas que surgem com caráter quase excepcional e em desproporção com a importância e a antiguidade da indústria açucareira. É que a estrutura econômico-social baseada no açúcar é inequivocamente anti-urbana, desde que tanto o engenho como a usina constituem uma cidade em miniatura.

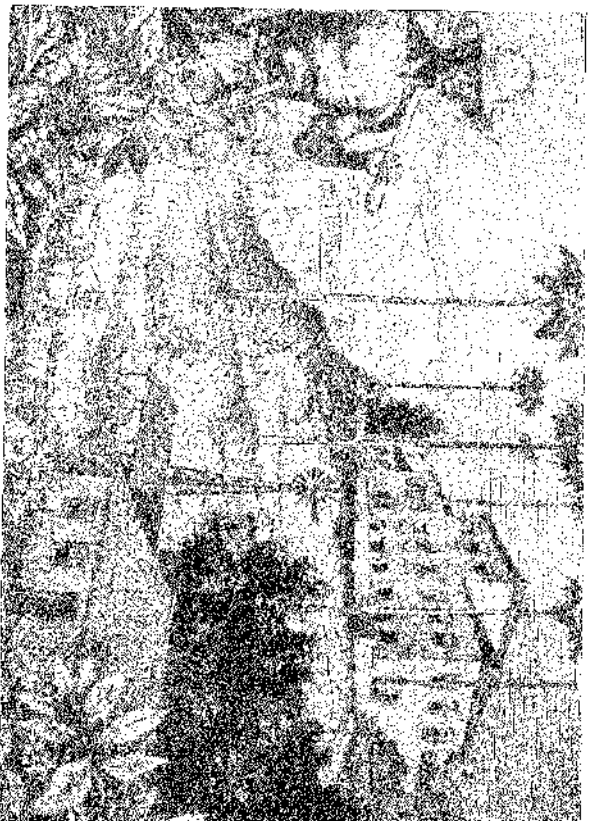
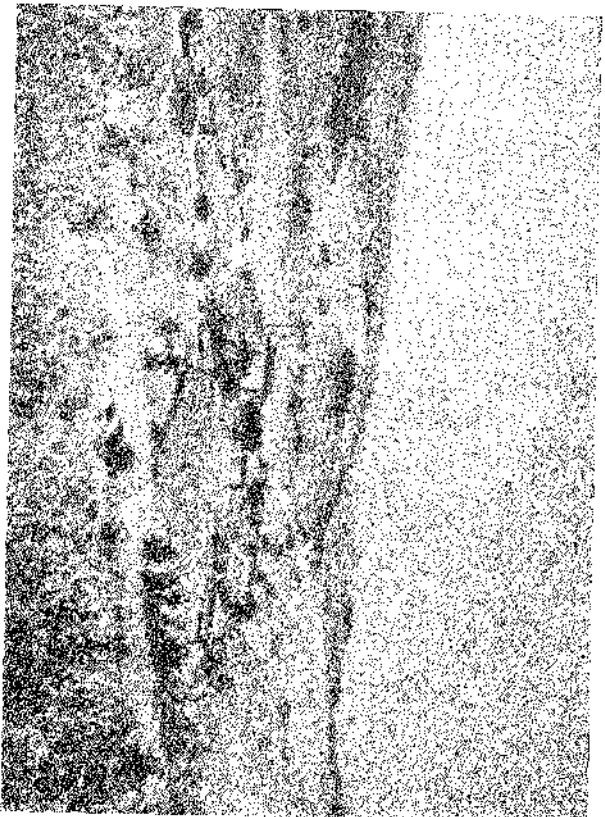
Em São Paulo, a usina de açúcar já produziu pelo menos uma cidade. *Santa Rosa de Viterbo*, surgida à sombra da Usina Amália.

Por diferir substancialmente em sua estrutura e por abranger vasta porção territorial, as *fazendas de gado* — quer assim se denominem, quer se chamem “currais” ou “estâncias” — criaram um número muitas vezes maior de centros urbanos. Os melhores exemplos encontram-se no Nordeste, na Bahia e na Região Sul.

O mais expressivo talvez possa ser considerado o daquele que foi o centro principal entre três dezenas de outros “currais” pertencentes a Domingos Afonso Mafrense e, depois, à Companhia de Jesus — *Oeiras*, a primeira capital do Piauí, Vila do Mocha em 1712, elevada à categoria de cidade em 1761. Todavia, nessa mesma região pastoril sertaneja outros exemplos podem ser apontados: no Maranhão — *Pastos Bons*; no Piauí — *Paulistana* (Paulista); no Rio Grande do Norte — *Currais Novos*; na Bahia — *Brotas de Macaúbas*, *Brumado* (Bom Jesus do Campo Seco), *Gamela do Assuruá*, *Jaquaquara* (Toca da Onça), *Iequié*, *Jussiape*, *Morro do Chapéu* (Gamela), *Oliveira dos Brejinhos*, *São Filipe*.

Fora dessa área, encontramos: *Castro* (Santana do Iapó), *Jaguariúva* e *Lapa*, no Paraná; *Osório* (Conceição do Arroio), *Pelotas* (arqueada), *Rosário do Sul*, *São Gabriel*, *Vacaria* e *Viamão*, no Rio Grande do Sul; *Camapuã* e *Paranaíba* (Santana do Paranaíba), em Mato Grosso; *Jataí*, em Goiás.

Em terras paulistas, papel de certo relevo cabe às *fazendas* e aos *sítios* na obra de urbanização, dos tempos coloniais aos dias de hoje, nas chamadas zonas “velhas” como nas situadas na faixa pioneira. Notadamente as *fazendas de café*, com suas sedes e suas senzalas e “colônias”, aparecem como embriões de cidades.



FIGS. 16 e 17 — VELHAS FAZENDAS DE CAFFÉ. — No alto, uma vista geral do núcleo principal da Fazenda "Sertão" no município de Campinas, SP (Aquarela de José de Castro Mendes, em J. E. Teixeira Mendes, "Velhas Fazendas Paulistas"),. Em baixo, tipo mais ou menos clássico de uma sede de fazenda de café no Vale do Paraíba (Desenho de SERRA, "O Brasil pela Imagem").



*Araraquara, Brotas* (Fazenda Velha), *Caçapava, Moji das Cruzes, São Bernardo do Campo, São Carlos e São Luís do Paraitinga* tiveram essa origem, além de outras muitas cidades que melhor se enquadram num tipo diferente de povoamento que a seguir focalizaremos — os *patrimônios religiosos*, estreitamente ligados à expansão cafeeira. *Dumont*, hoje sede distrital, nada mais é que a antiga Fazenda Dumont, de tanto celebridade na região de Ribeirão Preto.

Entretanto, particularmente em São Paulo, muitas cidades tiveram como semente um *bairro rural*, vale dizer uma área servida por um caminho ou estrada, ao longo dos quais se alinham pequenos *sítios* em que se cultivam cereais e cria-se o gado menor. Um número elevado desses bairros rurais surgiu em terras paulistas graças ao refluxo da população que deixou Minas Gerais após a decadência da mineração, embora outros muitos se tenham formado graças à própria expansão de paulistas.

É o caso, por exemplo, de *Arcias* (Santana e São Miguel das Arcias), *Capivari* (Nossa Senhora do Patrocínio e São João de Capivari), *Descalvado* (Belém do Descalvado), *Itatiba* (Belém de Jundiá), *Jaboticabal* (Pontal do Rio Pardo), *Limeira* (Tatuí), *Piracicaba* (Santo Antônio do Piracicaba), *Pirajú* (São Sebastião de Tijuco Preto), *Rio Claro* (São João do Rio Claro), *Santa Bárbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo e São Pedro do Turvo*.

Em quase a totalidade dos exemplos que vimos citando — nos engenhos como nas fazendas e bairros rurais —, a *Capela* representou e continua a representar um papel importantíssimo como elemento condensador do povoamento, ponto obrigatório de reunião da gente rural fixada em suas vizinhanças. Em certos casos, foi mesmo ela o fator decisivo para o aparecimento de um povoado, independentemente de outras condições; assim nasceram alguns dos mais expressivos exemplos de centros religiosos do país — *Bom Jesus da Lapa*, na Bahia; *Aparecida e Pirapora do Bom Jesus*, em São Paulo.

Em torno de capelas vieram a formar-se, entre muitas outras: em Alagoas — *Limoeiro de Anadia*; em Santa Catarina — *Laguna e Lojes*; em São Paulo — *Amparo, Araçoiaba da Serra* (Campo Largo de Sorocaba), *Batatais* (Senhor Bom Jesus da Cana Verde), *Caraguatatuba* (Santo Antônio de Caraguatatuba), *Cotia, Ibiuna* (Nossa Senhora das Dores de Una), *Ilhabela* (Vila Bela da Princesa), *Indaiatuba, Itú* (Nossa Senhora da Candelária do Ourú Guagú), *Mairiporã* (Juqueri), *Morro Agudo* (Santana dos Olhos d'Água), *Nazaré Paulista* (Nossa Senhora de Nazaré), *Paraibuna* (Santo Antônio do Paraibuna), *Piracaia* (Santo Antônio da Cachoeira), *Salesópolis* (São José do Paraitinga), *Santa Bárbara d'Oeste* (Santa Bárbara), *Santa Branca, Santo Antônio da Alegria*



FIG. 18 — A RUA PRINCIPAL, DE BLUMENAU, SC. — Entre as cidades que nasceram de um antigo *sete* colonial, Blumenau é das que mais guardaram, em sua fisionomia, a lembrança dos colonos alemães estabelecidos no Vale do Itajaí (Santa Catarina), por volta de 1850, sob a direção do Dr. Hermann Blumenau. (Foto "O Cruzeiro").

(Capela do Cuscuzeiro), *Sarapuí*, *Socorro* (Nossa Senhora do Socorro do Rio do Peixe), *Sorocaba* (Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba), *Tietê* (Pirapora do Curuçá) e *Tremembé* (Senhor Bom Jesus de Tremembé); em Minas Gerais — *Uberaba* (Farinha Pódre); no Rio de Janeiro — *Magé* (Nossa Senhora da Piedade de Magépe).

**Loteamentos rurais; Patrimônios e núcleos coloniais.** -- Casos há em que se constata o propósito deliberado de fazer nascer um embrião de cidade, através de *loteamento* e da cessão por venda ou aforamento dos lotes correspondentes. O sistema tem sido adotado desde os tempos do Brasil-Colônia, embora se tornasse mais comum a partir do século XIX.

Dêsse tipo é o *patrimônio religioso*, pelo qual o proprietário de uma gleba de terras escolhe certa área para doá-la ao Santo de sua devoção através de documento público em que o beneficiário é representado pela autoridade eclesiástica; assim fazendo, o proprietário torna patente sua fé e demonstra o desejo de vê-la difundida por intermédio da Capela que significará o sinal de posse, ao mesmo tempo que espera auferir lucros com a valorização e a posterior venda dos lotes situados na área que continua de sua propriedade. Nesta hipótese, o doador fixa as bases estruturais do futuro aglomerado, procurando atrair moradores para o local; os que se estabelecerem no chão doado ao Santo patronímico pagarão seus foros à Diocese e os que se fixarem nas redondezas tornar-se-ão arrendatários ou mesmo proprietários dos lotes ocupados. No primeiro caso, o produto do aforamento destina-se à construção da Capela ou à melhoria da que já existir, à manutenção do culto, ao estabelecimento do Cemitério, etc.

De patrimônios religiosos e em torno das correspondentes Capelas vieram a surgir, entre muitas outras: na Bahia — *Caculé* (Sagrado Coração de Jesus); em São Paulo — *Bananal*, *Barreiro* (São José do Barreiro), *Barretos* (Divino Espírito Santo dos Barretos), *Bragança Paulista* (Nossa Senhora da Conceição do Jaguarí), *Campinas* (Campinas de Mato Grosso), *Olimpia* (São João Batista dos Olhos d'Água), *Pindamonhangaba* (Nossa Senhora do Bom Sucesso), *Ribeirão Preto* (São Sebastião do Ribeirão Preto), *São Simão* (Capela da Fazendinha), *Taquaritinga* (São Sebastião dos Coqueiros).

Mas não menos importantes como sementeiras de cidades têm sido os loteamentos de caráter leigo, de iniciativa particular ou oficial, individual ou coletiva.

A primeira manifestação nêsse sentido pode ser encontrada no sistema das *sesmarias*, bastante difundido desde o século XVI, em-



FIG. 19. — ASSIM NASCE UMA CIDADE PIONEIRA. — Graças aos loteamentos rurais representados pelos *patrimônios ligados*, registrou-se uma verdadeira êxodo urbana no extremo Oeste de São Paulo e no Norte do Paraná. A fotografia, tirada em maio de 1948, mostra as primeiras casas de *Aroca*, hoje sede municipal do setentrão paranaense (foto Dona Romaria).

hora de mais direta influência sobre a urbanização fosse o dos *núcleos coloniais*, cuja primeira experiência pode ser considerada a que a metrópole portuguesa fez em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul com os ilhéus procedentes dos Açores (de que resultou a atual cidade de *Pôrto Alegre*, antigo *Pôrto dos Casais*), embora os melhores exemplos datem dos séculos XIX e XX, sobretudo nos Estados meridionais.

Os exemplos de cidades e vilas oriundas de tais núcleos coloniais são numerosos e bem conhecidos. Limitar-nos-emos a lembrar: *Bento Gonçalves*, *Caxias do Sul*, *Flores da Cunha*, *Garibaldi*, *Novo Hamburgo*, *Santa Cruz do Sul*, *São Leopoldo*, etc., no Rio Grande do Sul; *Blumenau*, *Brusque*, *Joinville*, *Nova Trento*, *Rio do Sul*, *São Bento do Sul*, etc., em Santa Catarina; *Alexandra*, *Araucária*, *Assunguá*, *Cêro Azul*, *Colombo*, *Prudentópolis*, etc. no Paraná; *Americana*, *Barão de Antonino*, *Nova Odessa*, *São Caetano do Sul*, *Varpa*, etc., em São Paulo; *Nova Friburgo* e *Petrópolis*, no Rio de Janeiro; *Linhares* e *Santa Leopoldina*, no Espírito Santo; *Teófilo Otoni*, em Minas Gerais; *Ceres*, em Goiás; *Tomé-Açú*, no Pará — simbolizando cada uma delas, muitas vezes, na sua fisionomia atual, o fator que lhes deu origem.

Finalmente, sobretudo no século XX, um outro tipo de loteamento rural veio a surgir — o dos *patrimônios leigos*, resultantes do loteamento de uma gleba de terras, no qual uma área é reservada para o futuro aglomerado urbano. Neste caso, o indivíduo ou uma sociedade imobiliária dá início ao povoado, fazendo construir os primeiros edifícios (casas de madeira, quase sempre), destinados à administração, à hospedagem, a um ou dois estabelecimentos comerciais.

Seus nomes já não mais lembram os Santos protetores, mas referem-se a personalidades de destaque (*Presidente Prudente*, *Presidente Epitácio*, *Regente Feijó*, *Oswaldo Cruz*), ou lembram a produção (*Cafelândia*, *Rubiácea*, *Ouro Verde*), ou os próprios criadores de tais aglomerados (*Andradina*, *Fernandópolis*, *Junqueirópolis*, *Martinópolis*, *Mirandópolis*, *Orlândia*, *Paulópolis*), quando não nomes escolhidos por simples preferências individuais ou para congregar dois patrimônios até certo ponto rivais (como é o caso de *Mariília*).

Todos os exemplos citados encontram-se no Planalto Ocidental paulista, embora não menos expressivos sejam os existentes no Paraná, quer os criados pela "Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná" (*Afucarana*, *Cianorte*, *Jandaia*, *Londrina*, *Mandaguari*, *Maringá*, *Pirapó*, etc.), quer os devidos a iniciativas diversas (*Assaí*).

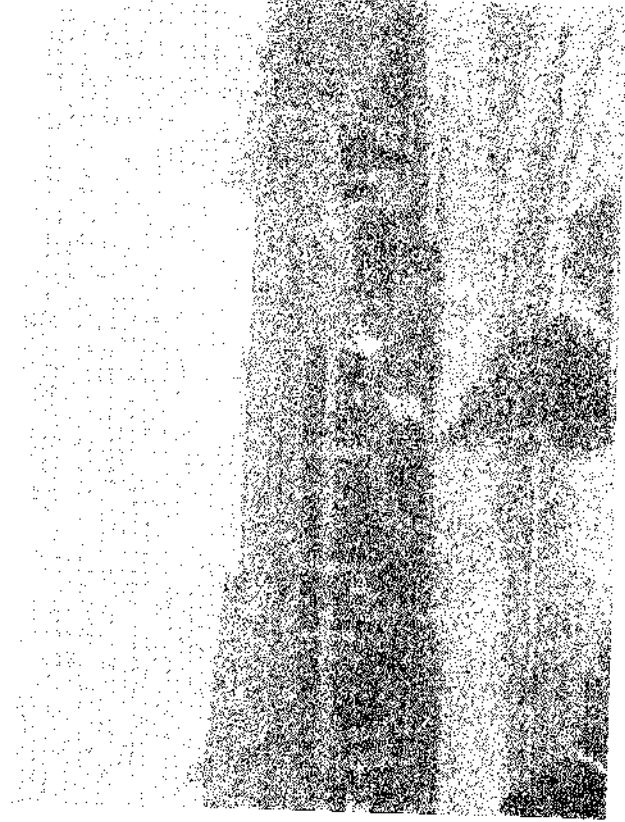


FIG. 25 e 21. — DUAS FOCAS, MAS UM SÓ RESULTADO. — No alto, um *penase de escanetas* do passado, com seu "ranchão", suas tropas e tropeiros, sua "vereda" (Desenho de Serra "O Brasil pela Imagem"). Em baixo, um *peço de pastagem* junto à Rodovia Presidente Dutra, com seus depósitos, seus automóveis, o restaurante e o pequeno Hotel (Foto do autor). Os primitivos deram origem a muitas de nossas cidades; tudo indica que também os seguintes passaram ser considerados como embriões de outros urbanos.

**Pousos de viajantes e estações ferroviárias.** — Como não poderia deixar de acontecer, as vias de comunicação têm sido as responsáveis pelo surgimento de muitas cidades brasileiras.

No longo período anterior a 1870, a intensificação das relações entre os centros urbanos como entre as principais regiões econômicas da época fez nascer o chamado *ciclo do muar* e com êle o predomínio das *tropas de burros* como os grandes meios de comunicação e de transporte. Em penosas e longas viagens através de caminhos mal conservados, tais comboios de muares pertencentes aos *tropeiros* e sob a direção dos *arrieiros* punham o litoral em contato com o sertão ou faziam no Planalto as ligações no sentido Norte-Sul. Dessa maneira, a Zona da Mata unia-se ao Sertão nordestino, o Recôncavo entrava em contato com o Planalto Baiano, Minas Gerais comunicava-se com o Rio de Janeiro, São Paulo tornou-se o centro das comunicações com Goiás, Mato Grosso e o extremo Sul. A escassez do povoamento e as enormes distâncias a percorrer impuseram a criação de *ranchos* e de *pousos* em lugares correspondentes às etapas mais frequentes, onde os viajantes encontravam alimentos e alojamentos para si e suas tropas, como quem concertasse os arteiros e ferrasse os animais. Por outro lado, ocasionaram o aparecimento de *registros* ou postos fiscais destinados à cobrança do pedágio.

Tais postos solitários da beira dos caminhos deram nascimento a muitas cidades de nossos dias: *Pesqueira*, em Pernambuco; *Matias Barbosa*, *Passa Quatro*, *Passa Tempo*, *Passa Vinte*, *Pouso Alto* e *Pouso Alegre*, em Minas Gerais; *Casa Branca*, *Cunha* (Facão), *Franca*, *Moji-Guaçu* e *Moji-Mirim*, em São Paulo; *Campo Largo*, *Ponta Grossa* (Santa Cruz), *Rio Negro* (Mata do Sertão) e *São Jerônimo da Serra*, no Paraná; *Coxim*, em Mato Grosso.

Esses pousos de viajantes continuam a existir sobretudo no Brasil Central e nada mais são do que embriões de cidades, como no passado. Todavia, o advento do automóvel e a melhoria das estradas de rodagem acabaram por criar a réplica moderna de tais pousos: trata-se dos *postos de gasolina*, que se têm multiplicado ao longo das ferrovias e que representam idêntico papel ao daqueles. Julgamos poder classificá-los também como embriões de centros urbanos, embora o tempo decorrido após seu aparecimento não permitisse ainda a confirmação desse caráter.

Num posto de gasolina encontra o viajante não apenas o combustível para seu automóvel ou caminhão e quem possa socorrê-lo em casos de emergência, mas também alimentação e lugar de hospedagem. Uma réplica perfeita.

Depois de 1870, quando as vias-férreas iniciaram sua expansão pelas regiões vitais do país, um novo tipo de embrião de cidade veio a surgir: a *estação ferroviária*, embora não se tenha registrado o fenômeno urbanizador com as proporções espetaculares que os Estados Unidos e o Canadá conheceram; é que muitas vezes a estrada de ferro foi em busca de áreas já povoadas. No entanto, particularmente no Planalto Ocidental paulista, muitas cidades tiveram como sementes as pequeninas e solitárias estações de parada dos trens de ferro, *pontas de trilhos* ou paradas intermediárias, destinadas a receber a produção agrícola das fazendas próximas.

Foi assim na zona da "E.F. Noroeste do Brasil" (*Araçatuba, Bauru, Lins, Lussanvira, Penápolis*, etc.), como na "E.F. Araraquarense" (*Nova Granada, São José do Rio Preto, Voluporanga*, etc.), como na da Alta Paulista (*Adamantina, Lucélia, Pompéia, Tupã*, etc.) e na Alta Sorocabana. Foi assim também que veio a se formar a cidade de *Santo André*, hoje importante centro fabril. É o fato se repetiu, embora em proporções menores, no Norte do Paraná e noutras áreas do país (*Nova Iguaçu*, antiga Maxambomba, RJ; *Goiandira*, GO; *Pôrto Velho*, capital do território de Rondônia).

**Em conclusão.** — Naturalmente, outros embriões de cidades podem ser apontados na mensidão do território brasileiro; limitámo-nos a focalizar os tipos que mais se destacam pelo número de cidades deles resultantes e pela área em se registram.

Basta lembrar que como tais ainda podem ser considerados:

1. as "VENDAS" de beira de estrada, tão frequentes em todo o país, e as de beira-rio, características da Amazônia;
2. as ESTAÇÕES DE SAÚDE, locais privilegiados por seu clima ou por suas águas termo-minerais, de que são exemplos expressivos: *Cipó*, na Baía; *Cambuquira, Coxambú, Lambari, Poços de Caldas e São Lourenço*, em Minas Gerais; *Águas de Lindóia, Águas da Prata, Águas de São Pedro e Campos do Jordão*, em São Paulo;
3. os ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS, quer sejam fábricas de tecidos (de que é exemplo *Paulista*, PE), usinas siderúrgicas (*João Monlevade*, MG) ou serrarias (*Eldorado*, PR);
4. os PONTOS DE PASSAGEM em cursos d'água que exigem o uso de balsas e os pequenos ANCORADOUROS às margens de rios;
5. os SERINGAIS (de um dos quais — o Seringal "Empresa" resultou *Rio Branco*, capital do Acre) e os *entrepósitos comerciais* de regiões produtoras da castanha, do cacáu ou da erva-mate;



6. Os NÚCLEOS DE PESCADORES, localizados na extensa fachada atlântica.

Através desses e dos tipos de povoados anteriormente estudados surgiram e continuam a se formar as vilas e cidades brasileiras. Os *fatores* têm variado bastante no decorrer dos quatro séculos e meio de nossa existência; mas os *tipos* de embriões de cidades não são tão numerosos, porque se repetem no tempo e no espaço, com roupagens às vezes diferentes, mas com as mesmas características essenciais.

São Paulo, julho de 1956.

#### RÉSUMÉ

Les *povoados* constituent au Brésil la plus élémentaire des formes d'agglomérations humaines et, comme ailleurs, de vrais embryons de villes. La vaste étendue du pays et la diversité de facteurs qui a présidée leur formation ne permettent pas de réduire ces *povoados* à un type bien défini. On peut cependant relever une série de caractères capables de les distinguer d'un village (la *vila*) ou d'une ville (la *cidade*) : un nombre réduit d'habitations, des chaumières généralement, ou de modestes maisons, s'alignant sur une rue ou deux, aux abords de la petite église; une population comprenant quelques dizaines d'habitants, qui travaillent dans la propre agglomération; une petite activité commerciale, une vie généralement tranquille et obscure. Ils ne se confondent pas avec les *casais* du Portugal ou avec les hameaux français, ressemblant les *pueblos* de l'Amérique Espagnole.

En tenant compte des différents facteurs qui ont présidé au peuplement du Brésil et sa évolution économique, ainsi que les différences régionales, il est possible de distinguer quelques types de ces villes en embryon : 1. des places fortes et des postes militaires; 2. des villages et *aldeamentos* d'Indiens; 3. des *arraiais* et des *corrutelas*; 4. des *fazendas* et des *seringais*; 5. des *patrimônios* et des noyaux de colonisation; 6. des auberges et des gares de chemins de fer; et d'autres, moins importants.

Pour assurer la possession des terres alors découvertes, ainsi que celle des énormes territoires qui étaient peu à peu défrichés, le Portugal s'est vu obligé d'installer au Brésil un véritable réseau de places fortes et de postes militaires qui, pour la plupart, se sont plus tard transformés en villages et en villes. Dans cette catégorie on peut inclure les *feitorias* et les villes militaires éparpillées en Amazonie, aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles, et les postes militaires fixés aux frontières du Mato Grosso et de l'extrême Sud du pays.

Les villages d'Indiens ne devraient pas à la rigueur être inclus parmi les embryons de villes brésiliennes; quelques uns de ses éléments primitifs subsistent, toutefois, dans les établissements organisés par les Missionnaires ou par le Service de Protection aux Indiens — les *aldeamentos de índios*. Toutes les régions brésiliennes offrent des exemples de villes ayant leur origine dans ses établissements d'Indiens; ce fait s'est produit depuis le XVI<sup>e</sup> siècle, s'étendant jusqu'à la seconde moitié du XIX<sup>e</sup>, et même quelquefois jusqu'à nos jours.

La minération a été le foyer d'autres types de ces agglomérations élémentaires: ce sont les *arraiais*, les bourgades de l'or, qui, à partir de la fin du XVII<sup>e</sup> siècle se sont développés tout au long du XVIII<sup>e</sup>, au Brésil oriental et central, grâce à l'expansion "bandeirante"; ce sont les *corrutelas*, analogues

aux précédentes, mais datant du XXe siècle, agglomérations typiques des aires d'exploitation du diamant, au Mato Grosso.

Dans la "Zona da Mata" du Nord-Est, traditionnellement productrice de sucre, les *engenhos* ont exercé une certaine influence anti-urbain, en vertu de leur auto-suffisance et de leur caractéristique structure économique-sociale; quelques uns néanmoins se sont transformés en villes. Les *fazendas* ou fermes brésiliennes ont joué un rôle plus important; fermes d'élevage (les *carrões* dans le "Sertão" du Nord-Est et les *estâncias* du Rio Grande do Sul) ou fermes de culture, plus particulièrement celles du café, à São Paulo. Nous pouvons également situer à côté des fermes un autre type d'embryon de ville: les *seringais*, centres d'exploitation de l'"hevea" d'Amazonie.

Plus importants encore comme foyers de centres urbains ont été les *patrimônios* religieux et laïcs, des extensions de terres réservées à l'emplacement d'une bourgade, et les *núcleos coloniais* (noyaux de colonisation), plus particulièrement au Sud du Brésil; très nombreux à partir du XIXe siècle, ils sont encore florissants de nos jours.

Avant l'établissement des voies ferrées, il ya eu une abondance de *ranchos*, des auberges pour les troupes de mulets, et de *posos*, d'auberges pour voyageurs, tout au long des chemins coloniaux et des routes de l'Empire; ceci s'explique par la grande activité des *tropas de burros* (troupes de mules) qui étaient le seul élément de liaison entre les régions éloignées du centre-sud brésilien. Plusieurs se sont transformés en villages et même en villes, destin que l'on peut prévoir pour les nombreux *postos de gasolina* (postes d'essence) qui, aujourd'hui, jalonnent les routes modernes. Une importance égale ont eu les chemins de fer depuis leur installation vers 1870: quelques *estações* (gares) sont devenues le noyau de villes futures, d'autres ont apporté un élément décisif dans le développement des centres urbains déjà existants.

Signalons pour finir d'autres embryons de villes brésiliennes: elles ont pu se développer autour d'une *venda* (taverne) située au bord d'une route ou d'une rivière; elles ont pu naître auprès de plages accueillantes, centres de pêche ou de tourisme, elles se sont développées autour des sources d'eaux thermales ou dans des lieux privilégiés par leur climat; elles ont pu naître, enfin, de l'extension d'un *bairro rural*, bourgade en liaison avec un village ou une ville.

#### BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- ABREU (J. Capistrano de) — *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*, ed. Sociedade "Capistrano de Abreu", Rio de Janeiro, 1934.
- ABREU (S. Fróes) — *Na Terra das Palmeiras*, Oficina Industrial Gráfica, Rio de Janeiro, 1931.
- AB'SÁBER (Aziz Nacib) e COSTA JÚNIOR (Miguel) — *O Sudoeste Goiano*, Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. III, tomo I (1948), São Paulo, 1953.
- AGASSIZ (Luís) e AGASSIZ (Elizabetã Cary) — *Viagem ao Brasil (1865-66)*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1938.
- AGUIAR (Durval Vieira de) — *Descrições Práticas*, Bahia, 1889.
- ARAÚJO (Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e) — *Memórias Históricas do Rio de Janeiro (1820)*, 10 vols., ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1945-51.
- AVÉ-LALLEMANT (Roberto) — *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*, 2 vols., ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1953.

- AZEVEDO (Arceléo de) — *Vilas e Cidades do Brasil Colonial* (Ensaio de Geografia urbana retrospectiva), Boletim n.º 208 (Geografia n.º 11) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1956.
- AZEVEDO (Fernando de) — *A Cultura Brasileira*, 2.ª edição, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1944.
- BALDUS (Herbert) — *Ensaio de Etnologia Brasileira*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1937.
- BAJES (Henry W.) — *O Naturalismo no Rio Amazonas (1848-59)*, 2 vols., Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1944.
- BERNARDES (Nilo) — *Expansão do povoamento do Estado do Paraná*, Revista Brasileira de Geografia, ano XIV, n.º 4, Rio de Janeiro, 1952.
- BOGGIANI (Guido) — *Os Cuduceos*, Livraria Martins, São Paulo, 1945.
- BOLETIM DO ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO — *Aleamentos de Índios (1721-1804)*, vols. V, VII e VIII, São Paulo, 1945-48.
- BURMISTER (Herimann) — *Viagem ao Brasil (1850-51)*, Livraria Martins, São Paulo, 1952.
- BURTON (Richard) — *Viagens aos Planaltos do Brasil (1868)*, vol. I, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1941.
- CABRAL (Oswaldo R.) — *Santa Catharina*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1937.
- CANSTATT (Oscar) — *Brasil - a Terra e a Gente (1871)*, ed. Pongetti, Rio de Janeiro, 1954.
- CARVALHO (C. M. Delgado de) — *Le Brésil Méridional (Étude économique)*, E. Desfossés Imp., Paris-Rio de Janeiro, 1910.
- CASAL (Padre Manuel Aires de) — *Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil, 1817*, 2 vols. ed. fac-similár do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1945.
- CASTELNAU (Francis) — *Expedição às Regiões Centrais da América do Sul (1842-44)*, 2 vols., Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1949.
- CAVALCANTI (José Pompeu de A.) — *Chorographia da Província do Ceará*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1888.
- COLDACCIENT (Padre Antônio) e ALBISETTI (Padre César) — *Os Boróros Orientais* (Oraximogodogue do Planalto Oriental de Mato Grosso), Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tip. King, São Paulo, 1888.
- CONDAMINE (Charles Marie de La) — *Relato abreviado de uma viagem pelo interior da América Meridional (1743)*, ed. Cultura, São Paulo, 1944.
- CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA — *Amazônia Brasileira*, por diversos autores, Rio de Janeiro, 1944. — *Aspectos da Geografia Riograndense*, por diversos autores, Rio de Janeiro, 1954.
- CORREIA FILHO (Virgílio) — *A cata do ouro e diamantes*, vol. III, Monografias Cuiabanas, ed. Paulo Pongetti, Rio de Janeiro, 1926. — *O Bandeirismo na formação das cidades*, em "Cursos de Bandeirologia", Departamento Estadual de Informações, São Paulo, 1946.
- COSTA (Alfredo R. da) — *O Rio Grande do Sul*, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1922.
- D'ALLINCOURT (Luiz) — *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá (1818)*, Livraria Martins, São Paulo, 1953.
- DEFONTAINES (Pierre) — *The origin and growth of the Brazilian network of towns*, Geographical Review, vol. XXVIII, New-York, 1938; traduzido

- sob o título *Como se constituía no Brasil a rede de cidades*, Boletim Geográfico, n.º 14 e 15, Rio de Janeiro, 1944.
- DENIS (Fernando) — *O Brasil*, 2 vols., reedição da Livraria Progresso Editora, Salvador, 1955.
- DENIS (Pierre) — *Le Brésil au XXe. siècle*, 4.ª edição, Lib. Armand Colin, Paris, 1911.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA — *Alagôas e seus municípios* 2.ª edição, Maceió, 1952.
- EGAS (Eugenio) — *Os Municípios Paulistas*, 2 vols., São Paulo, 1925.
- ELIJS JÚNIOR (Alfredo) — *O Bandeirismo na economia do século 17*, em "Curso de Bandeirologia", Departamento Estadual de Informações, São Paulo, 1946.
- ESCHWEIGE (W. L. von) — *Pluto Brasiliensis (1821)*, 2 vols., Comp. Editora Nacional, São Paulo.
- FAISSOL (Speridião) — *O "Mato Grosso" de Goiás*, ed. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1952.
- FERREIRA (Manoel Rodrigues) — *Nos sertões do lendário Rio das Mortes*, Editora do Brasil, São Paulo, 1946.
- FLEISS (Max) — *História Administrativa do Brasil*, Edições Melhoramentos, São Paulo.
- FLORENCE (Hércules) — *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas (1825-29)*, Ed. Melhoramentos, São Paulo.
- FURJAZ (Djalma) — *Ensaio de um quadro demonstrativo do desmembramento dos municípios*, 3.ª edição, Departamento Estadual de Estatística, São Paulo, 1941.
- FRANCO (Afonso Arinos de Melo) — *A sociedade bandeirante das Minas*, em "Curso de Bandeirologia", Departamento Estadual de Informações, São Paulo, 1946.
- FREYRE (Gilberto) — *Casa-Grande & Senzala*, 2 vols., 4.ª edição, Liv. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1943. — *Nordeste*, 2.ª edição, Liv. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1951.
- GANDAVO (Feyo de Magalhães) — *História da Província de Santa Cruz (1576)*, em ASIST. CLTRA, "Nossa primeira História", Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1922.
- GAUDNER (George) — *Viagens ao Brasil (1836-41)*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- HART (Charles Frederik) — *Geologia e Geografia Física do Brasil (1865-70)*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1941.
- ISABRILE (Arsène) — *Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul (1830-34)*, Liv. Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1949.
- KIDDER (Daniel P.) — *Reminiscências de viagem e permanência no Brasil (1837-44)*, 2 vols., Livraria Martins, São Paulo, 1940.
- KIDDER (Daniel P.) e FLETCHER (James C.) — *O Brasil e os Brasileiros (1840-55)*, 2 vols., Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1941.
- KOSERITZ (Carl von) — *Imagens do Brasil (1883)*, Livraria Martins, São Paulo, 1943.
- KOSTER (Henry) — *Viagens ao Nordeste do Brasil (1815-16)*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- KRAUSE (Fritz) — *Nos Sertões do Brasil (1908)*, Revista do Arquivo Municipal, vols. 66a-94, São Paulo.
- LAMEGO (Alberto Ribeiro) — *O Homem e o Brejo*, ed. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1945. — *O Homem e a Restinga*, ed. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1946. — *O Homem e a Guanabara*, ed. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1956.

- LATIF (Miran M. de Barros) -- *As Minas Gerais*, ed. "A Noite", Rio de Janeiro.
- LEITE (Padre Serafim), S. J. -- *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vols. I, II, III e IV, Livraria Portuguesa, Lisboa, 1938.
- LEME (Pedro Taques de Almeida Paes) -- *História da Capitania de São Vicente (1772)*, Ed. Melhoramentos, São Paulo.
- LIMA JÚNIOR (Augusto de) -- *A Capitania das Minas Gerais (Suas origens e formação)*, Lisboa, 1940. -- *História dos Diamantes nas Minas Gerais*, ed. Dois Mundos, Rio de Janeiro-Lisboa, 1946.
- LOPES (Raimundo) -- *O Torrão Maranhense*, Tip. "Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, 1916.
- MADUREIRA (Padre J. M. de), S. J. -- *A liberdade dos Índios e a Companhia de Jesus*, tomo especial da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1927.
- MARQUES (Manuel Eulrásio de Azevedo) -- *Apointamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Notícias da Província de São Paulo (1876)*, 2 vols., Livraria Martins, São Paulo, 1952.
- MARTINS (Romário) -- *História do Paraná*, 2.ª edição, Editora Rumo Ltda., São Paulo, 1939.
- MARTINS (Wilson) -- *Um Brasil diferente*, Ed. Anhembi Ltda., São Paulo, 1955.
- MASSA (Monsenhor Pedro) -- *Pelo Rio Mar*.
- MAWE (John) -- *Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes (1809-10)*, Liv. Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1944.
- MEDeiros (Coriolano) -- *Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba*, ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1950.
- MELO (Mário Lacerda de) -- *Pernambuco: Traços de sua geografia humana*, tese de concurso, Tip. "Jornal do Comércio", Recife, 1940.
- MENDONÇA (Estêvão de) -- *Quadro Chorographico do Matto Grosso*, Escolas Profissionais Salesianas, Cuiabá, 1906.
- MONTEIG (Pierre) -- *Ensaios de Geografia Humana Brasileira*, Livraria Martins, São Paulo, 1940. -- *O estudo geográfico das cidades*, Revista do Arquivo Municipal, vol. 73, São Paulo, 1941. -- *Planteurs et Pionniers de l'État de São Paulo*, Lib. Armand Colin, Paris, 1952.
- MORAES (Dr. A. J. de Mello) -- *Chronica Geral do Brasil (1500-1800)*, 2 vols., Liv. Garnier, Rio de Janeiro, 1886.
- MORAES (Rubens Borba de) -- *Contribuição para a história do povoamento em São Paulo até fins do século XVIII*, Geografia, ano I, n.º 1, São Paulo, 1935.
- MORAES (Tanerodo) -- *Resumo histórico-antropogeográfico do Estado de Alagoas*, Trinões Pongetti Ed., Rio de Janeiro, 1954.
- MÜLLER (N. L.) -- *Contribuição ao estudo do Norte do Paraná*, Boletim Paulista de Geografia, n.º 22, São Paulo, março de 1956.
- NASSER (David) e MANZON (Jean) -- *Mergulho na Aventura*, Emp. Gráfica "O Cruzeiro" S. A., Rio de Janeiro, 1945.
- PALAZZOLO (Padre Frei Jacinto de) -- *Nas selvas dos vales do Mucuri e do rio Doce*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1954.
- PETRONI (Pasquale) -- *O Homem Paulista*, Boletim Paulista de Geografia, n.º 23, São Paulo, julho de 1956.
- PIETRO (Estêvão) -- *Os Índigenas do Nordeste*, 2 vols., Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1938.
- PIETTA (Sebastião da Rocha) -- *História da América Portuguesa (1730)*, Livraria Jackson, Rio de Janeiro, 1950.

- POTIL (João Emanuel) — *Viagem no interior do Brasil (1817-21)*, 2 vols., ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1951.
- RIBEIRO (Joaquim) — *Folklore dos Bandeirantes*, Liv. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1946.
- RIBEIRO (Luís Saboia) — *Caçadores de Diamantes*, ed. Epasa, Rio de Janeiro, 1945.
- RIBEYROLLES (Charles) — *Brasil Pitoresco (1850)*, 2 vols., Liv. Martins, São Paulo, 1941.
- RIVASSEAU (Emílio) — *A vida dos índios Guaycurús*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1941.
- ROSA (Vieira da) — *Chorographia de Santa Catharina*, Livraria Moderna, Florianópolis, 1905.
- ROWER (Frei Basílio), O. F. M. — *A Ordem Franciscana no Brasil*, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1947.
- RUBIM (Rezende) — *Reservas de Brasilidade*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1939.
- RUGENDAS (João Maurício) — *Viagem pitoresca através do Brasil (1825-30)*, Livraria Martins, São Paulo, 1940.
- SAINTE-HILAIRE (Auguste de) — *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais (1816-17)*, 2 vols., Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1938. — *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil (1817-18)*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1941. — *Segunda viagem no interior do Brasil — Espírito Santo (1818)*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1936. — *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás (1819)*, 2 vols., Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1937. — *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Sainte Catherine (1819)*, 2 vols., Lib. Arthus Bertrand, Paris, 1851. — *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-21)*, Ariel Editora, Rio de Janeiro, 1935. — *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1938.
- SALVADOR (Frei Vicente do) — *Historia do Brasil (1500-1627)*, Ed. Melhoramentos, São Paulo.
- SAMPATO (Theodoro) — *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina (1879-80)*, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1915.
- SCHADEN (Egon) — *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*, tese de concurso à livre-docência de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1954.
- SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS — *S. P. I.*, publicação oficial, Rio de Janeiro, 1953.
- SILVA (C. F. dos Santos) — *A ferrovia e a evolução da média Sorocabana*, Panorama, ano I, n.º 1, Santa Cruz do Rio Pardo, agosto de 1954.
- SILVA (Hermano Ribeiro da) — *Garimpos de Mato-Grosso*, ed. J. Fagundes, São Paulo, 1936.
- SILVA (Joaquim Norberto de Souza e) — *Memoria historica e documentada das Aldeias de Índios da Província do Rio de Janeiro*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, 3.ª série, n.º 14, Rio de Janeiro, 1854.
- SOUZA (Cônego Francisco Bernardino de) — *Lembranças e Curiosidades do Vale do Amazonas*, Tipografia do Futuro, Pará, 1873.
- SOUZA (Gabriel Soares de) — *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1938.
- SPLX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil (1817-20)*, 4 vols., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.

- TORRES (João Camilo de Oliveira) — *O Homem e a Montanha* (Introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro), Liv. Cultural Brasileira, Belo-Horizonte, 1944.
- VASCONCELOS (Diego de) — *História Antiga das Minas Gerais*, 2 vols., e *História Média das Minas Gerais*, ed. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1948.
- VIANNA (Helio) — *História do Brasil Colonial*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1945.
- WALLACE (Alfred Russel) — *Vigens pelo Amazonas e Rio Negro (1848-49)*, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1939.
- ZALUAR (Augusto Emílio) — *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61)*, Livraria Martins, São Paulo, 1953.